

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

RYAN FONSECA CID

**O USO DA ORALIDADE NAS TURMAS DE 1º ANO DO ENSINO MÉDIO, EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DE PARINTINS**

PARINTINS-AM

2023/2

RYAN FONSECA CID

**O USO DA ORALIDADE NAS TURMAS DE 1º ANO DO ENSINO MÉDIO, EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DE PARINTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito da disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III, como requisito do curso de graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientador: Franklin Roosevelt Martins de Castro.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Franklin Roosevelt Martins de Castro
Presidente

Prof. Dr. André de Oliveira Melo
Membro

Prof. MsC. Dilce Pio Nascimento
Membro

Aprovado em: 28/02/2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me abençoado até este momento, que me manteve firme no caminho da luz e me protegeu de toda a maldade. Minha fé me fez acreditar em mim mesmo, mesmo nos dias difíceis.

Agradeço ao meu pai José Carlos Ferreira Cid e à minha mãe Silvia Pinheiro Fonseca, que não mediram esforços para me ajudar a viver na cidade, mesmo estando distantes muitas vezes, e me deram todo o incentivo para que eu concluísse essa etapa de minha vida. Sem dúvidas, eles são as minhas inspirações, pois quero me tornar um profissional da educação assim com eles. Agradeço também à minha irmã Thainá e à minha sobrinha Sofia, que sempre se mostraram atenciosas e felizes com minhas conquistas.

Quero agradecer também ao meu tio Wanderley e à minha tia Rozinei, que me acolheram em sua casa durante a minha estadia em Parintins, desde quando comecei o Ensino Médio, tiveram um papel importantíssimo na minha criação.

Agradeço também aos meus amigos da turma Let20, que nunca soltaram as mãos mesmo na época de uma pandemia mundial, saibam que levarei vocês em meu coração pelo resto da vida. Agradeço à minha dupla dinâmica Amanda, aos meus amigos dos trabalhos em grupo Deysi, Elem, Guilherme e Neta; obrigado pelo apoio no meu momento mais fraco psicologicamente e pelos conselhos naquilo que eu tinha mais dificuldades. Quero agradecer também aos meus amigos do Programa de Residência Pedagógica, Beatriz, Danielle, Juliano e Kiara. Agradeço também aos meus demais amigos de turma pelos anos de convivência, Alexandre, Antoniely, Geyse, Kássia, Luis Felipe, Luiz Fernando, Rose, Thiago, Vandenilson, Vinícius, e aos colegas de outras turmas de Letras também.

Não posso deixar de agradecer à minha companheira, Larisse, que sempre esteve comigo e me apoiou até quando eu pensava em desacreditar de tudo. Eu te amo, meu amor!

Por fim, agradeço ao professor Dr. Franklin que foi um verdadeiro mentor para mim neste curso, foi o professor das minhas matérias favoritas, foi orientador de estágio e agora orientador de TCC também, foi uma honra conviver e aprender com o senhor, espero um dia ser um profissional tão capacitado como você, bem como agradeço à Cleiciane, que me deu todo o suporte necessário. Portanto, foram 4 longos anos de um caminho árduo, mas que sem dúvida valeram à pena, eu me orgulho muito de ter feito parte dessa família.

O USO DA ORALIDADE NAS TURMAS DE 1º ANO DO ENSINO MÉDIO, EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS

Ryan Fonseca Cid¹
Franklin Roosevelt Martins de Castro²

RESUMO: O presente artigo tem a finalidade de compreender o desenvolvimento do uso da oralidade em sala de aula, de turmas de 1º ano do Ensino Médio em uma escola pública do município de Parintins. Assim, o trabalho contou com a base teórica de diversos autores, dentre eles, a Base Nacional Comum Curricular (2018) que trata sobre os quatro eixos das práticas de linguagem, Marcuschi e Dionísio (2007) com a análise entre a fala e a escrita, Kerbrat-Orecchioni (2006) com a análise da conversação e Travaglia et al (2013) com a conceituação dos gêneros orais. A metodologia utilizou a pesquisa de campo, que foi realizada de forma qualitativa, e usa do método de análise dialético para realizar a síntese entre o estágio inicial e final do trabalho, para que assim, se descubra a real situação do eixo da oralidade no educandário. Após as análises dos dados levantados, comprovou-se que a oralidade possui menos destaque nas aulas em comparação aos outros eixos da leitura e da produção de textos.

Palavras-chave: Ensino Médio, linguagem, observação, oral, oralidade.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é de compreender o desenvolvimento da oralidade em turmas de 1º ano 1 e 2 do Ensino Médio, observando nas aulas de Língua Portuguesa como está o ensino deste eixo linguístico em sala de aula. O local foi escolhido com base nas vivências do pesquisador no programa de Residência Pedagógica, do qual é bolsista, que busca o aperfeiçoamento da formação inicial dos professores.

A oralidade, como seu radical mostra “oral”, é o uso da língua por meio da voz, das produções sonoras, que abrange os textos orais desde o contexto informal até o mais formal. Além da fala, ela inclui fatores como a expressão corporal, movimentos faciais, gestos, postura e etc. Os estudos das culturas orais, de acordo com Batista e Galvão (2006), iniciaram na década 1960, através de estudos realizados nas obras “A equação oralidade – cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna”, de Eric Havelock (1995), e “Oralidade e cultura escrita”, de Walter Ong (1998).

A escuta juntamente à oralidade, estão entre os fatores principais para a realização das relações sociais, sendo essencial na comunicação. A obra “Análise da conversação: princípios e métodos” Kerbrat-Orecchioni (2006), ajuda a entender sobre como funciona a conversação, e de como a interação verbal transmite os seus sentidos.

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

² Doutor e Professor do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

O eixo linguístico da oralidade abrange as atividades que ocorrem em situação do uso da voz, ela faz parte dos quatro eixos das práticas de linguagem, ao lado da leitura, produção de textos e análise linguística semiótica, estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e que são utilizados tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Por estar proposta como um desses eixos, a oralidade é entendida como uma prática essencial para o ensino dos discentes, assim, espera-se que ela tenha o seu devido destaque nas aulas. Porém, não é assim que acontece na realidade, a oralidade é um eixo que tem menos atenção se comparada à leitura e a produção de textos. Marcuschi e Dionísio (2007), assim como Koch (2007), mostram que a oralidade não deve ser uma adversária da escrita, e sim uma companheira, pois cada uma tem o seu papel no âmbito social. Forte-Ferreira (2014) confirma que faltam habilidades que trabalhem o ensino da oralidade na escola e Freitas et al (2016) diz que cabe ao professor criar mecanismos para o ensino da expressão oral. Dantas (2021), através de experiência própria, confirma que o Ensino Médio através de seus vestibulares, dá mais atenção à escrita.

Com o intuito de abordar as dinâmicas que trabalhem a língua oral, Travaglia et al (2013) nos dá a noção de Gênero Oral, que são como os gêneros textuais tradicionais mas que ocorrem com a voz sendo o seu instrumento principal, que foram produzidos especificamente para serem falados.

Assim, esses autores foram utilizados como o referencial teórico que embasaram a construção dessa pesquisa, e foram importantíssimos para que a pesquisa de campo tivesse um norte. A observação foi utilizada para o levantamento dos dados que serão analisados no decorrer do artigo.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Panorama histórico dos estudos da oralidade no âmbito linguístico

É importante que saibamos da origem dos estudos sobre a oralidade, pois toda área de pesquisa tem publicações que são precursoras e inspiram novos pesquisadores deste campo. Segundo as pesquisas de Batista e Galvão (2006) a investigação sobre as culturas orais e escritas surgiram em 1960. Eles citam que a obra “A equação oralidade – cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna”, de Eric Havelock (1995) identifica que entre os anos de 1962 e 1963 há quatro publicações fundamentais para estabelecer esse novo campo de pesquisa, trabalhos esses que destacaram o tema da oralidade.

(...) em 1962, foram publicados *The Gutenberg Galaxy*¹, de McLuhan, no Canadá, e *La pensée sauvage*², de LéviStrauss, na França; em 1963, Jack Goody e Ian Watt publicaram o artigo “The consequences of literacy”³ na Inglaterra, e Eric Havelock publicou *Preface to Plato* nos Estados Unidos. Naquele momento, as próprias transformações por que passavam os meios de comunicação contribuíram para que a oralidade e a escrita fossem reconsideradas objeto de estudo de destaque, segundo Havelock (1995). (Batista e Galvão, 2006, pg. 404).

Esses estudiosos citam ainda que Walter Ong (1998) mostra em sua obra “Oralidade e Cultura escrita” que entre os anos de 1960 e 1970 ocorreram diversos movimentos acadêmicos referentes as culturas orais e escritas, e que os trabalhos realizados abrangeram a diversas áreas de conhecimento, como a Antropologia, Sociologia e Psicologia.

Sobre o livro de Ong (1998), o autor busca analisar as relações entre a oralidade e a cultura escrita, bem como diz o título da obra, mostrando como o pensamento se diferencia dessas duas formas de expressão da língua. Além disso, aborda a importância do linguista suíço Ferdinand de Saussure e do gramático e fonético inglês Henry Sweet no destaque da dimensão sonora das palavras.

Também vale ressaltar nesta pesquisa, a importância da obra “Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação”, de Brian Street (2014). Aqui o autor faz o leitor refletir sobre o letramento como sendo uma prática social, que as práticas da leitura e da escrita são fatores inseridos na formação de uma sociedade. Inclusive, no sétimo e último capítulo desta obra, Street confronta diretamente as teses de Walter J. Ong em “Oralidade e Cultura escrita”, indo contra a teoria da “grande divisão” entre letramento e oralidade.

Também é importante situar-se sobre a área a qual este tema está inserido, que é a linguagem, ela é um aglomerado de formas organizadas que são utilizadas pelos falantes para realizar a comunicação. Para Estrela e Sousa (2021), a linguagem é um dos elementos mediadores para a relação do homem com o mundo, ou seja, a linguagem é importantíssima para a formação cultural dos indivíduos.

A oralidade está relacionada ao uso da linguagem oral nas relações sociais, bem como a escuta. Ela é essencial na comunicação da língua e primordial na produção e entendimento da linguagem, visto que, nos primeiros anos de vida, o ser humano se expressa e reproduz os sons através de sua vivência. Porém, a oralidade não se limita ao estudo apenas da fala.

A análise da conversação

Com o intuito de aprofundar-se sobre os princípios da conversação, este trabalho utiliza-se da obra “Análise da conversação: princípios e métodos, de Catherine Kerbrat-Orecchioni. O livro tem o intuito de analisar um tipo especial de interação verbal, a conversação,

Para Kerbrat-Orecchioni (2006), o exercício da fala implica em três efeitos gerais: a alocação, a interlocução e a interação. A *alocução* é quando o destinatário é fisicamente diferente do falante (a exceção do monólogo, permitido no teatro; a *interlocução* é a “troca de palavras”, o diálogo; correlacionando com a interlocução está a *interação*, uma troca comunicativa onde os diferentes participantes exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas.

Kerbrat-Orecchioni (2006) diz que a interação na conversação também ocorre através de outros meios mais discretos e, no entanto, fundamentais. O *emissor* deve indicar que está falando com alguém pela sua orientação do corpo, pela direção do olhar ou pela produção das formas de tratamento; ele deve também prestar ao que a autora chama de “captadores” (como o “hein”, “né”, “sabe”, “digamos”, “nem te conto” etc.), e corrigir falhas da escuta ou problemas de compreensão, através de reformulações e aumento da intensidade vocal; tais procedimentos são chamados de **fáticos**, e servem para garantir a escuta do destinatário. O *receptor* também utiliza de sinais para confirmar ao falante que está atento ao circuito comunicativo, esses sinais de escuta ou **reguladores** são executados de diversas formas: não verbais (olhar, movimento da cabeça, franzimento de sobrancelhas, sorrisinho, ligeira mudança de postura...), vocais (“hummm” entre outras vocalizações), ou verbais (“sim”, “certo”); a produção desses sinais de escuta é indispensável para a troca da conversação, pois experiências provaram que a falta destes perturba o comportamento do falante.

Vale ressaltar que as atividades fáticas e reguladoras não são independentes, pelo contrário, são solidárias. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 11 grifo da autora), conclui que: “Em suma, **na interação face a face, o discurso só é inteiramente “coproduzido”, é o produto de um “trabalho colaborativo” incessante** — esta é a ideia-força que embasa o enfoque interacionista das produções linguísticas”. Ou seja, a interação só é realizada através de gestos mútuos, que precisam estar em harmonia para que haja a conversação.

Kerbrat-Orecchioni também aborda sobre o **contexto**, no terceiro capítulo de seu livro, que ocorre em discursos e em situações de comunicação concretas, então, a autora divide este capítulo em 3 partes, a fim de nos inserir a esse conjunto importante da comunicação, nos atentaremos ao primeiro tópico.

O primeiro tópico fala sobre os **ingredientes do contexto**, que a situação comunicativa compreende os seguintes elementos:

a) *O lugar.*

- **O quadro espacial** é considerado apenas nos seus aspectos físicos, como as características do lugar onde há a interação, bem como a função social e institucional desse local.
- **O quadro temporal** também é determinante para a interação e diz que o discurso deve ser apropriado ao lugar, mas também ao momento (não se pode cumprimentar o interlocutor no meio da conversação, por exemplo).

b) *O objetivo*

Há o **objetivo global** e os **objetivos mais pontuais**, no qual a primeira tem a sua finalidade mais externa (uma compra, obtenção de informações, tratamento médico) e a segunda são interações mais “gratuitas”, que são conversações que buscam o ato de se relacionar (falar por falar e para assegurar manutenção de laço social).

c) *Os participantes.*

Nesse nível são considerados:

- **Seu número:** conversação face a face, a três (“triálogo”) ou mais (“poliágulo”);
- **Suas características individuais:** idade, sexo, posição social, profissão, traços de caráter etc.;
- **Suas relações mútuas:** grau de conhecimento, natureza do laço social (familiar ou profissional, com ou sem hierarquia) e afetivo (simpatia ou antipatia, amizade, amor, entre outros).

A oralidade no âmbito escolar

No contexto escolar, linguagem oral e a interação entre o professor e alunos, são fatores constantes no dia a dia em sala de aula. Assim, entender o que o eixo da oralidade compreende ajuda o docente a criar mecanismos para executá-los em suas aulas. Segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o eixo da oralidade abrange:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, web conferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de *game*, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (p. 78-79).

Para a BNCC, as práticas orais devem compreender a reflexão sobre as condições dos textos orais, a compreensão de textos orais, a produção de textos orais, a compreensão dos efeitos de sentido (volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc.) e a relação entre a fala e escrita.

Importância do uso da oralidade nas escolas é incontestável, pois a formação de alunos e indivíduos atuantes na sociedade passam pela sua capacidade de se expressar, seja em público, com amigos, discursos e etc. Sabe-se que para o professor conseguir êxito em transmitir conhecimento, ele precisará de uma ótima oratória e interação com os discentes em sala, porém, não apenas o docente precisa dominar este eixo, é necessário trabalhá-lo com a classe também.

É perceptível que o ensino das bases dos alunos no ensino fundamental foca na área da escrita e leitura, em detrimento da oralidade, ou seja, há um claro déficit que se reflete em anos posteriores, seja no próprio ensino fundamental ou no ensino médio. O argumento fútil para isso é que o nosso primeiro contato com a linguagem se dá através da língua falada, o que menosprezava o ensino da oralidade pois entendia-se que o aluno já sabia falar. Logo, a aula é focada na escrita e em suas diversas regras gramaticais e na produção de textos, criando no aluno a sensação de que a escrita seria mais importante que a fala, sendo que essas duas vertentes devem acontecer de forma conjunta. Como afirma Koch (2007):

Fala e escrita constituem duas modalidades de uso da língua. Embora se utilizem, evidentemente, do mesmo sistema linguístico, elas possuem características próprias. Isso não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica, estanque, como era comum até há algum tempo e, por vezes, acontece ainda hoje. (p.77).

Sobre essa desvalorização da oralidade se comparada à escrita, Marcuschi e Dionísio (2007) mostram que as duas não estão em competição:

[...] não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita. Também não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. Cada uma tem sua arena preferencial, nem sempre fácil de distinguir, pois são atividades discursivas complementares. Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade. (p. 15).

Assim, percebe-se que o ensino da oralidade deve sim ser planejado, bem como acontece com a escrita, visto que, por mais que esteja tendo uma troca falada mais informal, ainda assim há regras para que a mensagem transmitida pelo falante seja captada pelo ouvinte, se não seriam apenas sons sem sentido algum. Então, se há uma forma de regras a serem seguidas no ato de se comunicar oralmente, há de ter uma forma de ensinar essas determinadas normas.

A oralidade pode e deve ser ensinada de uma maneira sistemática na escola de modo que possa abranger não só o contexto informal, mas principalmente o formal, pois é nele que provavelmente os alunos terão de produzir gêneros formais e públicos e, com isso, terão a possibilidade de pôr em prática os diversificados usos da língua. (Forte-Ferreira, 2014, p.37).

Forte-Ferreira (2014, p.41) complementa que não há muitas propostas para o trabalho de ensino da oralidade na escola, faltam habilidades que desenvolvam questões da oralidade, como expressão, postura, entonação etc.

Cabe, então, principalmente ao professor de português, especialista no ensino de língua, auxiliado pelos professores das demais disciplinas que muito têm a colaborar nesse aspecto, criar oportunidades que possibilitem ao aluno adquirir a capacidade de expressar-se com liberdade e de monitorar sua língua, oportunizando-lhe aumentar seu vocabulário; adequar convenientemente sua fala; saber argumentar de forma convincente e ouvir respeitosamente os argumentos contrários; aguardar seu turno para falar; usar convenientemente os recursos extralinguísticos como tom de voz, ritmo, o alongamento, a ênfase, a velocidade da fala; controlar sua ansiedade e timidez, tão comuns nas exposições orais. (Freitas et al., 2016, p. 200).

Cabe ao professor de língua portuguesa, ser a chave para destravar os horizontes, elaborando mecanismos que possam exercitar a oralidade e a capacidade de expressão dos alunos. Dantas (2021), mostra, por experiência própria na educação do Ensino Médio, que o ENEM e os vestibulares fazem as escolas trabalharem mais a escrita, por conta das produções dissertativas:

...posso também destacar a minha experiência como professora de língua portuguesa de Ensino Médio, o que me permite averiguar que, ao adentrar nessa etapa de ensino, os alunos têm muito mais contato com a modalidade escrita da língua, visto que o foco, nesses três últimos anos da Educação Básica, é o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que tem como proposta de produção, uma redação dissertativa-argumentativa, e as demais provas externas que seguem os mesmos moldes do Enem. Esse trabalho, realizado nas escolas, voltado para o ENEM, tem toda uma sistematização e dinâmica já conhecida por todos os envolvidos neste processo, o que difere das propostas que envolvem o ensino da oralidade e seus elementos. (p. 23).

Esse fator, faz com que os alunos cheguem à universidade, de certa forma, despreparados para enfrentar as circunstâncias que esta etapa proporciona, visto que, há a apresentação de seminários, exposições e palestras, que, diferentemente do ensino básico, exige mais expertise do aluno, pois as apresentações acadêmicas são para espectadores de mais experiência e conhecimento. Assim, pela falta de preparação na base, os alunos enfrentam esses percalços, atrasando a formação e inserção no mercado de trabalho, conseqüentemente.

Nessa pesquisa, Dantas (2021) utiliza do gênero oral seminário como delimitação para a atividade de ensinar os elementos da oralidade, como a entonação, postura e gestualidade, que fazem parte dos recursos paralinguísticos e cinésicos. O intuito é mostrar para os alunos a

importância do uso desses elementos na construção do sentido da linguagem, facilitando a aprendizagem e desenvolvendo a oralidade.

Gêneros orais

Mas o que seriam Gêneros orais? Segundo Travaglia et al (2013), o Gênero Oral seria aquele que tem a voz humana como suporte principal e que foi produzido para ser realizado oralmente, independentemente de ter ou não uma versão escrita. Essa definição foi construída através das discussões do PETEDI (Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso), grupo sediado no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, no qual Luiz Carlos Travaglia é o coordenador do grupo. Travaglia et al (2013) exemplifica:

Assim, por exemplo, a conferência ou a comunicação científica em eventos acadêmico-científicos podem ter uma versão escrita, mas foram produzidas para serem realizadas oralmente. O mesmo se pode dizer de uma peça de teatro escrita para ser representada (realizada oralmente). Por outro lado um artigo científico sobre o mesmo tópico de uma conferência não foi produzido para ser realizado oralmente, mas para existir na forma escrita. Assim, mesmo que seja lido em voz alta não será um gênero oral. O mesmo se pode dizer de um romance, de um conto, de uma reportagem em uma revista ou jornal. (p. 4).

Ou seja, uma simples oralização de texto escrito não o torna um Gênero Oral, pois, além de ter o uso da voz humana, o gênero precisa ser produzido por dada comunidade para ter uma realização oral. Além disso, o gênero oral não pode ser visto como a fala, pois esta é a própria língua usada oralmente.

Portanto, aqueles que possuem uma versão escrita também podem ser gêneros orais, desde que tenham uma realização prioritariamente oral, tendo a voz como suporte. Neste caso Travaglia et al (2013) exemplificam os gêneros como: conferências; representação de peças teatrais, telenovelas e filmes que têm um roteiro ou script; as notícias faladas em telejornais e no rádio que geralmente estão previamente redigidas; recontos etc.

Travaglia et al (2013) ainda observam que existem graus diferentes de oralidade:

Isto evidentemente leva a graus diferentes de oralidade, pois, por exemplo, a leitura de uma conferência ou comunicação científica em congresso, ou a realização de uma conferência ou de uma exposição oral qualquer com base em um roteiro preparado, mas em que o que se vai dizer não está dito palavra por palavra serão diferentes, mas ambos serão considerados um gênero oral. A aula, por exemplo, em que ocorrem vários gêneros orais, pode seguir um roteiro, mas nunca será lida como pode acontecer com uma conferência ou comunicação científica em congresso. (p. 5).

Assim, além dos gêneros que são escritos para serem oralizados, há aqueles que são originalmente orais mas que ganham registros escritos para serem preservados ou divulgados,

como as piadas, os casos, as histórias de assombração, depoimentos na justiça, etc. e há aqueles que são sempre orais, sem versões escritas, como repentis, benzeções, leilões etc.

2. METODOLOGIA

Este trabalho visa compreender o desenvolvimento da oralidade das turmas de 1º ano 1 e 2 em sala de aula, no Ensino Médio de uma escola pública em Parintins, usando como base as diversas obras utilizadas para a construção da pesquisa. Por isso, a pesquisa aconteceu através do trabalho de campo, já que, para a realização deste experimento, foi necessário coletar e registrar dados que foram utilizados no artigo.

A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual da rede pública, situada na área urbana do município de Parintins – AM, no Centro da cidade. No aspecto da estrutura física e de recursos humanos, a escola possui 26 dependências, 8 salas, 2 turnos (manhã e tarde), possui 20 servidores, 26 professores e 650 alunos (distribuídos em 164 educandos no 1º ano abrangendo turno da manhã e da tarde, e 243 educandos nas turmas de 2º e 3º ano, abrangendo turno da manhã e tarde), é localizada em uma área de 1.716 metros quadrados. Especificamente, somente as turmas de 1º ano 1 e 1º ano 2 do turno matutino participarão desse estudo, cada uma com cerca de 40 alunos cada, na faixa-etária dos 14 aos 16 anos, totalizando mais de 80 discentes. O local e as turmas escolhidas deram-se com base no ambiente de trabalho no qual o acadêmico vivencia diariamente, graças ao projeto de Residência Pedagógica, onde é bolsista

Por ser necessária a coleta de dados e, além disso, abordar aspectos mais subjetivos, como a observação de comportamento, expressão corporal, entonação de voz e etc., a pesquisa teve o cunho qualitativo. Bauer e Gaskell (2008), expressam o interesse de uma pesquisa qualitativa:

O principal interesse dos pesquisadores qualitativos é na tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial. As maneiras como as pessoas se relacionam com os objetos no seu mundo vivencial, sua relação sujeito-objeto, é observada através de conceitos tais como opiniões, atitudes, sentimentos, explicações, estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas. Esta é a segunda dimensão, ou dimensão vertical de nosso esquema (...). As representações são relações sujeito-objeto particulares, ligadas a um meio social. O pesquisador qualitativo quer entender diferentes ambientes sociais no espaço social, tipificando estratos sociais e funções, ou combinações deles, juntamente com representações específicas” (Bauer; Gaskell, 2008, p. 57).

Assim, a coleta de dados utilizou o instrumento da observação, com intuito de verificar como funciona a prática da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa nesse educandário. Além

disso, foi feito um questionário via WhatsApp com o professor de Língua Portuguesa preceptor da escola, para que ele dê seu ponto de vista de como está o uso da oralidade na grade curricular, como é realizado este eixo em sala de aula e quais as sugestões para a melhoria desse ensino no educandário.

O método de análise é o método dialético, no qual o conceito inicial será testado a fim de encontrar uma antítese a essa ideia inicial, para que no fim haja uma síntese entre essas duas ideias. Coelho (2021) explica que o termo dialético tem origem grega e tem o significado de debater e discutir, ou seja, desde seu nascimento é relacionada ao diálogo de posições contrárias. A autora complementa:

De forma geral, o método dialético é um método de abordagem que tem como características centrais o uso da discussão, argumentação e da provocação. Usa-se esse método nas pesquisas sociais, com o objetivo de interpretar, de forma qualitativa, alguns fenômenos sociais, através de seus princípios, leis e categorias de análise.

Ou seja, o trabalho trouxe a visão inicial de como está a oralidade dos alunos, depois observar a evolução ou não dos discentes no decorrer das aulas, e, por último, realizar o resumo comparativo, mostrando os resultados da comparação entre as duas teses.

3. ANÁLISE DE DADOS

A observação aconteceu nas turmas de 1º ano “1” e “2” do Ensino Médio, do turno matutino, nas salas 1 e 2 respectivamente, no período de abril à dezembro de 2023. Neste espaço de tempo, notou-se que apenas algumas vezes a oralidade foi utilizada de forma mais trabalhada, em sua maioria, as aulas contavam apenas com pequenas situações em que alguns gêneros orais eram utilizados, como os debates, momentos em que os alunos respondiam questões dos conteúdos de forma oral, ou em seminários apresentados esporadicamente.

Assim, antes adentrarmos nas observações de fato, é importante entender sobre o que é a oralidade no âmbito escolar. Segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o eixo da oralidade abrange:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de *game*, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (p. 78-79).

Para a BNCC, as práticas orais devem compreender a reflexão sobre as condições dos textos orais, a compreensão de textos orais, a produção de textos orais, a compreensão dos efeitos de sentido (volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc.) e a relação entre a fala e escrita. Com base nessas questões, busquei elencar a seguir os momentos em que oralidade foi praticada de forma mais elaborada.

Apresentação sobre o Trovadorismo, Quinhentismo e a literatura de Cordel.

No dia 18 de abril de 2023, ainda sob a tutela de nossa primeira preceptora da Residência Pedagógica, houve uma apresentação no auditório sobre o Trovadorismo, Quinhentismo e a literatura de Cordel. Esta atividade tratou sobre a intertextualidade e a interdiscursividade entre esses três gêneros literários, em que os discentes declamaram e interpretaram as obras que eles produziram com os temas do Trovadorismo e do Quinhentismo, mas na forma rimada em versos da Literatura de Cordel.



Imagem 1: apresentação dos discentes da professora preceptora (Arquivo Pessoal).

Sequência didática sobre o Arcadismo.

Houve outro período em que trabalhou-se a oralidade de forma mais ativa, através de atividades elaboradas pelo pesquisador e pelos demais colegas residentes, atividades estas que faziam parte do E-book elaborado por toda a equipe de Residência Pedagógica do curso de Letras da Universidade Estadual do Amazonas de Parintins, no qual cada equipe das escolas deveria escrever sobre a prática de linguagem designada a seu grupo. Nosso grupo ficou com o eixo da oralidade, e cada colega residente deveria fazer uma sequência didática que trabalhasse o tema proposto.

Nós aplicamos a atividade com a turma do 1º ano “2” matutino, que teve como conteúdo o movimento literário “Arcadismo”. O objetivo da sequência didática era de relacionar o conteúdo aos tempos atuais e executar estratégias que melhorassem o desempenho da oralidade dos estudantes. Após a primeira aula que expus sobre tema Arcadismo, a segunda aula teve a

dinâmica que trabalhou o eixo da oralidade, a metodologia ativa denominada de GVxGO (Grupo de Verbalização e Grupo de Observação). As metodologias ativas, de acordo com Freire (2006, p. 6, apud Santos, 2020): “É uma educação educativa que estimula processos de construção de ação-reflexão-ação em que o estudante tem uma postura ativa em relação ao seu aprendizado numa situação prática de experiências, por meio de problemas que lhe sejam desafiantes e lhe permitam pesquisar e descobrir soluções, aplicáveis à realidade”.

O GVxGO é um método de ensino em torno de temas ou perguntas, no qual o professor dá esse tema principal e os alunos organizam, dissertam e expõem de forma oral as suas respostas. Consiste em separar a turma em dois grandes grupos, que podem ser organizados na forma de dois círculos, um círculo externo e um interno: o círculo interno será o do Grupo de Verbalização, que iniciará a dinâmica respondendo sobre o tema, por sua vez, o círculo externo será o Grupo de Observação e terá que observar e anotar as respostas dos colegas do outro grupo, caso queiram questionar ou dar prosseguimento ao pensamento de outro aluno. Ao término das respostas dos integrantes do GV, haverá uma inversão de papéis, onde o Grupo de Verbalização se tornará o Grupo de Observação e vice-versa.

O tema central da atividade foi sobre as características do Arcadismo nos dias atuais, ou seja, os alunos devem responder de forma oral sobre onde observam essas questões árcades no seu dia a dia, seja em músicas, filmes, redes sociais, meio social e etc. Esse tipo de metodologia visa, principalmente, trabalhar a oralidade dos alunos, pois, eles são submetidos a questões que devem demonstrar um bom tom de voz, a gestualidade, a expressão corporal, o conhecimento de mundo, a capacidade de escutar e defender a sua própria opinião.

No entanto, a dinâmica não saiu como o planejado. Por conta de alguns imprevistos, não foi possível realizar as aulas em sequência dos dias estabelecidos, ou seja, houve um grande espaço de tempo entre a primeira e segunda aula. Por isso, somente alguns alunos se lembraram de preparar-se para a dinâmica, com o estudo prévio de mundo sobre características do Arcadismo na atualidade.

Assim, ao invés de separar a turma em dois grupos em forma de círculo, manteve-se a formação em fileiras, que a sala normalmente está organizada, e eu fiz indagações sobre o tema, o que resultou na verbalização de dez alunos que estavam mais bem preparados. Apesar da pouca quantidade, os discentes que participaram entregaram ótimas análises de mundo e conseguiram ter resultado um satisfatório na sua expressão oral.

Feira do Conhecimento

No dia 30 de novembro de 2023, aconteceu um evento na escola chamado de “Feira do Conhecimento”, que contou com a participação de todas as turmas do educandário, tanto do turno matutino como vespertino. Essa confraternização, planejada desde o mês anterior, apresentou diversas temáticas baseadas nos conteúdos das disciplinas ministradas e contou com salas temáticas, experiências científicas, apresentações teatrais, danças, músicas, gincanas e etc. O evento foi aberto à comunidade e esteve disponível para visitas das 8h às 12h e das 13h30 às 17h, e contou com a presença de familiares, figuras políticas, universitários e professores de outros centros.

Especificamente nas turmas de 1º ano do turno matutino, observou-se o uso de salas temáticas, onde os alunos inseriam os visitantes a uma viagem aos momentos históricos da cultura amazônica. Trajados com roupas típicas de cada período histórico, os discentes apresentaram um pouco sobre como viviam os cidadãos de cada época específica através de encenações, incorporando os personagens. Entre os períodos abordados, estavam o ciclo da borracha, a exploração mineral e a origem do Festival de Parintins. A apresentação encerrou-se com a dança típica do boi-bumbá.



Imagens 2 e 3: apresentação dos discentes na feira do conhecimento (Arquivo pessoal).



Imagens 4 e 5: apresentação dos discentes na feira do conhecimento (Arquivo pessoal).

QUESTIONÁRIO AO PRECEPTOR

Com o intuito de dar mais detalhes sobre o uso da oralidade no educandário, foi realizado um questionário via WhatsApp com o professor preceptor da Residência Pedagógica, para que ele pudesse dar o seu ponto de vista como lecionador de Língua Portuguesa. Através de áudios, ele respondeu aos seguintes questionamentos.

Como o senhor comumente usa o eixo da oralidade em suas aulas?

O preceptor relatou algumas de suas principais estratégias que buscam utilizar e trabalhar a oralidade de seus discentes. A primeira é a conversa preliminar, na qual o educador extrai o conhecimento de mundo através de uma conversa mais informal. Na segunda estratégia, o professor questiona o aluno para que ele contextualize o conteúdo à realidade, o instigando a expressar a sua opinião abertamente. E por fim, na terceira estratégia o lecionador utiliza das informações recolhidas para questionar se aluno concorda ou discorda com a situação, e pede sugestões para a resolução do problema.

Há incentivo do uso deste eixo por parte da escola ou da secretaria de educação?

Segundo o professor, a secretaria de educação não determina um uso específico da oralidade, entende-se que isso faz parte do processo de ampliação de conhecimento. Ela se sustenta tanto a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) quanto o RCA (Referencial Curricular Amazonense), que citam a importância da expressão oral em sala de aula.

A oralidade segue desprestigiada, se comparada ao eixo da escrita?

O preceptor acredita que o eixo da oralidade poderia ser melhor desenvolvido, e não considera que este eixo é desprestigiado, só é mal utilizado. Não se usa o total potencial do Gênero Oral teatro para valorizar a oralidade em sua totalidade, por exemplo, além de que necessita-se desenvolver outros recursos em sala de aula dar mais protagonismo à oralidade, como o rádio, podcasts, televisão, vídeos curtos e etc.

Quais seriam suas sugestões para a melhoria do ensino da oralidade no educandário?

Como sugestão, o professor prioriza mais destaque nos teatros, nas novas tecnologias e nos procedimentos de sala inversa. A sala inversa é um método que dá mais protagonismo ao aluno, onde ele estuda previamente o tema e utiliza do tempo de aula para debater com os colegas e apenas sanar as dúvidas com o professor, ao invés do modelo tradicional de ensino

que o docente dá a aula e o jovem apenas assiste. O preceptor cita maior valorização de dinâmicas focadas na oralidade, como o GVxGO (Grupo de Verbalização e Grupo de Observação). Além desses, a criação de canal interativo, não apenas da disciplina, mas para a toda a escola, que tivesse a oralidade como um elemento que articulasse o conhecimento interdisciplinar.

Portanto, após a análise dos questionários realizados com o preceptor, percebeu-se que ele tem o cuidado de usar a oralidade com seus discentes na sala de aula, utilizando da troca de informações através da conversação e instigando os alunos a expressarem as suas opiniões com a classe. Nota-se também, que a secretaria de educação não determina nenhum uso específico desse eixo, e que aproveita as informações fornecidas pela Base Nacional Comum Curricular e pelo Referencial Curricular Amazonense.

Através da visão o preceptor, é comprovado que o eixo da oralidade é mal praticado, pois não usa o potencial dos gêneros orais. Nesse contexto, o professor sugere gêneros orais diversos que podem dinamizar e melhorar a interação do estudante em sala de aula, como o enfoque no teatro, debates, dinâmicas orais como o GVxGO, e o uso de canal interativo que realiza a troca de conhecimento com as outras disciplinas através da oralidade.

Entende-se que, por mais que a escola e a secretaria de educação não proponham trabalhos específicos focados na oralidade, cabe ao professor utilizar de sua criatividade e das referências da BNCC e do RCA para elaborar e praticar atividades com o destaque nesse eixo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oralidade, como eixo de aprendizagem escolar, demonstra ter a sua importância na formação do aluno, não só no ambiente da educação, mas também como o indivíduo da sociedade. Entretanto, ao analisar os estudos abordados nos referenciais teóricos, percebe-se que a oralidade não é trabalhada com seu devido destaque por parte da maioria das escolas, principalmente se comparada aos outros eixos da BNCC como a leitura e a escrita.

Após a observação e coleta de dados levantados para a pesquisa, comprovou-se que o ensino da linguagem oral ainda é pouco desenvolvido, mesmo que o estudo tenha acontecido numa das principais escolas públicas da cidade de Parintins. Percebe-se que ainda há muito da ideia de uma educação atrasada, no qual a oralidade era vista como algo já aprendido pelos discentes, visto que eles já sabiam falar, ou seja, vocalizar aquilo que conseguiam ler e interpretar. A oralidade vai além de apenas uma “oralização” de palavras, ela permeia toda a

identidade de um indivíduo, é através dela que conseguimos expressar nossos próprios pensamentos e propósitos, nos tornando mais atuantes no meio em que vivemos, sem ter a sensação de ficar acanhado com medo das represálias de não conseguir sustentar o próprio argumento. Não é sobre apenas “saber falar”, e sim ter postura, expressão corporal, pensamento rápido, encarar o público.

Assim como foi relatado na entrevista com o preceptor, falta saber usar a oralidade em sala de aula, e isso está atrelado à falta de criatividade, ainda que neste contexto o fator da diminuição do tempo com os alunos por parte do Novo Ensino Médio seja um grande empecilho. É claro, que não deve-se erradicar os outros eixos de aprendizagem, a leitura, a escrita e análise linguística e semiótica, tem sim a sua importância, mas as aulas de Língua Portuguesa vão além de serem apenas um manual para escrever corretamente, decorar as grandes regras gramaticais ou de produção de textos, é um local para a formação do jovem como um adulto mais capacitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- COELHO, Beatriz. Método dialético: entenda sobre esse método de abordagem. **Mettzer**, 2021. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/metodo-dialetico/>. Acesso em 20 de fev. 2024
- DANTAS, Stephanie Silva. **A oralidade na BNCC do ensino médio: uma proposta centrada no ensino-aprendizagem dos elementos orais no gênero seminário**. Mossoró, RN, 2021. 124 f.
- DIANA, Daniela. **Oralidade e Escrita**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/oralidade-e-escrita/>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- ESTRELLA, Mônica Duarte Silva; SOUSA, Rafael Rossi de. **Oralidade e alfabetização: implicações dos gêneros orais para o ensino e a aprendizagem**. *Revista Educação Pública*, v. 21, nº 24, 29 de junho de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/24/oralidade-e-alfabetizacao-implicacoes-dos-generos-orais-para-o-ensino-e-a-aprendizagem>. Acesso em: 01 abr. 2023.
- FORTE-FERREIRA, Elaine Cristina. **A oralidade como objeto de ensino: por uma perspectiva de desenvolvimento da língua oral a partir do gênero debate**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza-CE, 2014.
- FREITAS, Sara Helena da Costa et al. Desafios no ensino da oralidade. **Revista Cadernos de estudos e pesquisa na educação básica**. Recife, v. 2, n. 1, p.197-215, 2016. CAp UFPE.
- JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papirus, 1994.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução: Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- MARCUSCHI, Beth. **Oralidade**. Glossário Ceale. [S.I.] 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade>. Acesso em: 01 abr. 2023.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita**. 1ª ed, 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ONG, Walter J. **Oralidade e Cultura Escrita**. Trad.: Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papirus, 1998.
- SANTOS, Taciana da Silva. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem. **EduCAPES**, p. 1-30, Março, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/565843>. Acesso em: 13 de nov. 2023.
- STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. **Gêneros orais — conceituação e caracterização**. v. 3, n 1., p. 1 – 8, Uberlândia: EDUFU, 2013.

APÊNDICE

Apêndice a – questionário ao preceptor completo

Como o senhor comumente usa o eixo da oralidade em suas aulas?

“Na área de estudo da Língua portuguesa e da literatura, o uso da oralidade é favorecido através das seguintes estratégias. Primeiro, a conversa preliminar ou diagnóstico do universo de conhecimento do aluno, a chamada “conversa informal”. Segundo, procedemos aos questionamentos, lançamos geralmente uma pergunta que contextualiza o conteúdo à realidade, e solicitamos que o estudante expresse a sua opinião. Na terceira estratégia, fazemos um embate, com as informações recolhidas perguntamos ao estudante se ele concorda, discorda ou se tem uma sugestão pessoal concreta para resolver determinada situação”.

Há incentivo do uso deste eixo por parte da escola ou da secretaria de educação?

“O eixo da oralidade, é uma orientação que a secretaria de educação não determina, ela entende que faz parte do processo de aquisição, ampliação e desdobramento do conhecimento. Então, as diretrizes curriculares deixam bem claro o quanto a oralidade é um patrimônio, enquanto expressão da linguagem e como ampliação do universo da fala.

As diretrizes curriculares nacional, através da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), assim como do Referencial Curricular Amazonense (RCA), são bem claros quanto a necessidade da expressão oral na sala de aula, exatamente no âmbito da criticidade, da sedimentação de saberes através de conhecimentos expressos nas aulas”.

A oralidade segue desprestigiada, se comparada ao eixo da escrita?

“A oralidade dentro do universo pedagógico, do ensino da língua e da literatura, ainda é um eixo que poderia ser melhor desenvolvido, não diria que é um desprestígio, mas uma falta de uso. Ainda não se entendeu bem, o valor da oralidade em atividades como por exemplo o teatro, em que, além de uma leitura atenta que se avalia a entonação, também poderíamos estar trabalhando outros aspectos linguísticos de compreensões ampliadas, do qual o teatro é um eixo de integração. Também, creio eu, que o uso de mídias como o rádio, podcasts, televisão, vídeos curtos, teatro de fantoches, poderiam ser recursos que desbravariam melhor um prestígio da oralidade.

A escrita, claro, ela tem o seu valor porque ela determina seus aspectos na história como parte daquilo que é o patrimônio literário, mas a escrita é um código fixo e é subsidiada pela gramática, pela norma culta. A oralidade segue um caráter paralelo, digamos assim, que não

deve, de forma alguma, ser um elemento faça aquela dualidade tão perniciososa, ‘o falar direito porque não escreve direito’. Se ocorreu comunicação, se foi oralizado e a informação foi transmitida, temos a comunicação plena”.

Quais seriam suas sugestões para a melhoria do ensino da oralidade no educandário?

“Eu penso que dentre as sugestões, teríamos a articulação de um trabalho comum por projeto que tenha destaque no teatro, nas novas tecnologias, no procedimento de sala inversa, assim como a valorização de dinâmicas como o GVxGO (Grupo de Oralização e Grupo de Verbalização), debates, filmes curtos. Também seria interessante, a criação de um canal interativo da escola, não somente da disciplina, que tivesse a oralidade como um elemento articulador entre as disciplinas, transmitindo o conhecimento. Então, temos aí muitos recursos que explorariam a criatividade e também para além do universo de conhecimento do estudante sobre os conteúdos em pauta, a organização de oficinas de oratória e também de retórica.

Então, são estratégias suficientemente possíveis de serem aplicadas, parte delas, já desenvolvemos em sala aula, como por exemplo: explanações, seminário, GVxGO, teatro ou encenações. Enfim, são formas de tornar a oralidade uma expressão, uma atividade que pode ser ampliada e desdobrada em vista, não só de aquisição do conhecimento de uma disciplina, mas até mesmo do humano integral”.